



Biblioteca da Assembleia da República

DOSSIER DE IMPRENSA

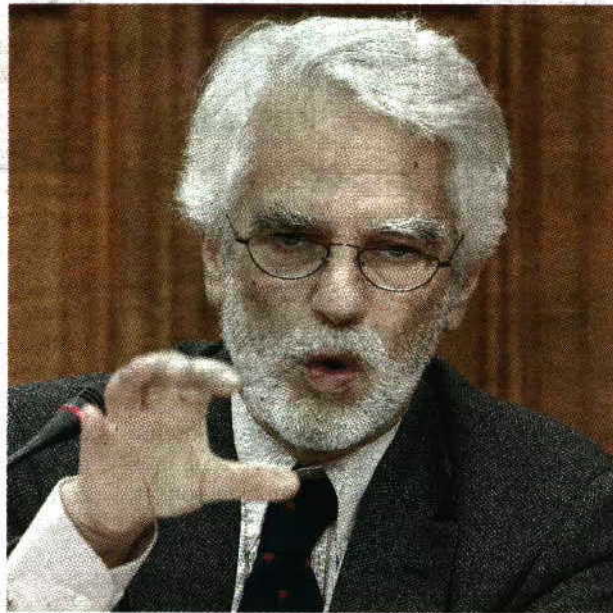
ANTÓNIO MARTA ACEITA ACAREAÇÃO COM DIAS LOUREIRO

Responsável do Banco de Portugal admite falha

O ex-vice-governador do Banco de Portugal António Marta admitiu ontem que “o supervisor teve uma falha” quanto ao BPN, por não ter informado dos problemas do banco os accionistas do grupo SLN, proprietário do banco.

“Hoje, à luz do que se passou, o supervisor teve uma falha. Eu poderia ter pedido uma reunião com Conselho Superior – onde estavam os accionistas –, mas não me lembrei”, disse António Marta perante a comissão de inquérito ao BPN.

António Marta manifestou-se disponível para uma acareação com Dias Loureiro sobre o teor da reunião que ambos mantiveram em Abril de 2001, mas ressaltou que “não vê o valor acrescentado” dessa medida. “Se considerarem que é imprescindível uma acareação com Dias Loureiro (...) eu venho”, disse António Marta em



Marta respondeu às perguntas dos deputados

resposta a uma sugestão do deputado do CDS-PP Nuno Melo.

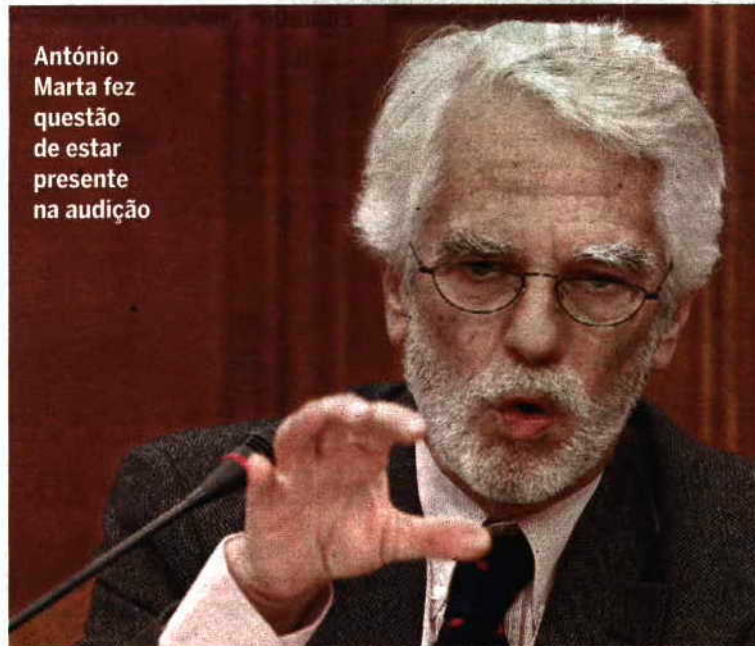
António Marta reafirmou que Dias Loureiro lhe perguntou numa reunião em Abril de 2001 o porquê de o supervisor “fazer sistematicamente perguntas e

inspecções ao BPN”. Dias Loureiro, antigo administrador da SLN, tinha declarado terça-feira que alertou em Abril de 2001 António Marta, para o “modelo de gestão” do grupo de Oliveira e Costa, que o deixava “intranquilo”. ■



CASO BPN ■ AUDIÇÃO NA COMISSÃO DE INQUÉRITO

António
Marta fez
questão
de estar
presente
na audição



TIAGO PETINGA/LUSA

Supervisor admite falha

■ António Marta está arrependido de não ter informado os accionistas das debilidades do banco

● DIANA RAMOS

Debilitado e em esforço para falar devido à paralisação de uma corda vocal, António Marta, antigo vice-governador do Banco de Portugal (BdP), admitiu uma falha no acompanhamento do grupo então liderado por Oliveira e Costa.

“Sabendo o que sei, acho que falhei”, disse convicto, acrescentando que “podia ter pedido uma reunião com o conselho superior” do banco, onde estão representados os accionistas. “Não me ocorreu.”

Apesar do estado de saúde, António Marta recusou responder por escrito ao Parlamento e fez questão de explicar aos deputa-

dos que o BdP acompanhou o BPN desde a criação. Em 1998, uma inspecção detectou “insuficiências de organização”, “falhas graves na informática” e “excesso de participação em empresas não financeiras”. Daí ter exigido rácios de solvabilidade, ao banco e ao grupo, acima do legal.

“Dei-me conta que no conselho de administração do banco e do grupo havia pessoas que não tinham conhecimento da situação”,

pelo que convocou uma reunião onde exigiu a presença de administradores, revisores oficiais de contas e da auditora externa.

António Marta voltou a desmentir Dias Loureiro. “O que ouvi foram preocupações relativamente ao BdP

estar sistematicamente dentro das instalações do BPN”. E mostrou-se disponível para um frente-a-frente com o ex-ministro, ainda que “não veja valor acrescentado” na acareação. ■

Marta está disponível para frente-a-frente com Dias Loureiro



“Situação deteriorada” no BPN obrigou BdP a convocar reunião inédita em 2006

Ana Brito

● O antigo vice-governador do Banco de Portugal (BdP) António Marta disse ontem, na comissão parlamentar de inquérito ao caso BPN, que o “banco esteve sempre sob escrutínio muito aceso” e que por essa razão o supervisor decidiu realizar, em 2006, um procedimento inédito no sistema bancário português, convocando uma reunião com os membros dos conselhos de administração da SLN e do BPN e os revisores oficiais de contas (ROC) e auditores do grupo.

Marta revelou aos deputados que já em 1998, ano em que Oliveira e Costa assumiu a presidência, tinham sido detectadas “insuficiências de organização complicadas e que o controlo interno não funcionava”. Por essa razão, disse ter ficado pouco tranquilo quando Oliveira e Costa lhe transmitiu a ideia de que o BPN, “que era um mero banco de investimento, iria transformar-se num grande grupo”.

Marta notou aos deputados que “essa conversa não é normalmente música para os ouvidos do supervisor, porque a pressa em querer aumentar o banco sem ter estrutura suficientemente implementada dá confusões, o que veio a verificar-se”.

O antigo responsável do BdP esclareceu ainda que as respostas aos pedidos de informação que foram sendo dirigidos ao grupo ao longo dos anos eram muitas vezes insatisfatórias e que “havia informações que ficavam apenas com o dr. Oliveira e Costa e não com os outros membros do conselho de administração”. Mas ressaltou que o fundador do BPN nunca deixou

de responder aos pedidos de informação. “Só nunca o fazia de forma suficiente.”

António Marta notou que há informações “que chegam aos ouvidos” do supervisor através de telefonemas. E um desses telefonemas deu conta que “havia administradores do grupo que não tinham conhecimento da situação algo deteriorada” da instituição.

Foi por essa razão que em 2006 realizou aquilo que reconheceu ser “um procedimento extraordinário” no BPN e em todo o sistema bancário.

E admitiu que falhou, à luz do que hoje se sabe, por não ter convocado uma reunião com os principais accionistas do grupo. Ainda assim, disse desconhecer se o BdP “teria o direito” de convocar essa reunião.

Sobre o encontro que manteve em Abril de 2001 com o ex-administrador da SLN Dias Loureiro, o antigo vice-

governador do BdP disse que o tema da conversa foram as dúvidas sobre o excesso de atenção a que o BPN estava sujeito. Segundo Marta, Dias Loureiro pretendia saber o porquê das perguntas e inspecções sistemáticas do BdP ao BPN e SLN, pois achava que essas iniciativas “entravavam o dia-a-dia” das instituições.

Na terça-feira, Dias Loureiro referiu que o tema da conversa foi o desconforto que sentia com o modelo de gestão de Oliveira e Costa. Mas segundo Marta, da boca de Dias Loureiro não ouviu “qualquer preocupação com a falta de actuação do BdP”. “É preciso ver que eu nunca disse que o dr. Dias Loureiro mentiu; eu disse o que ouvi naquela reunião”, disse o ex-vice-governador. E, apesar de se mostrar disponível para um frente-a-frente com Loureiro, disse não ver no encontro “qualquer valor acrescentado”.



Parlamento procura verdades no caso BPN

AR. Quadro do BdP não ouviu accionistas

António Marta admite falha de supervisão no caso BPN

O ex-vice-governador do BdP aceita acareação com Dias Loureiro

EVA CABRAL

António Marta assumiu ontem, no Parlamento, que a supervisão bancária teve uma falha. O ex-vice-governador do Banco de Portugal para a área da supervisão entre 1994 e 2006 admitiu que deveria ter convocado, em 2006, uma reunião com o Conselho Superior do BPN – o órgão onde tem assento os grandes accionistas de referência – isto quando começaram a chegar ao BP os ecos de que nem todos conheciam na globalidade a situação da instituição bancária.

O ex-quadro do BP refere que apesar de o banco central português ser uma espécie de Torre de Marfim lhe

Marta disponível para acareação com Dias Loureiro

chegaram ecos de que “nem todos estariam, por dentro das questões levantadas pelo Banco de Portugal ao BPN”. Foi precisamente por isso, justificou, que em 2006 decidiu marcar uma reunião com todo o conselho de administração do BPN, com os auditores externos e com os ROC.

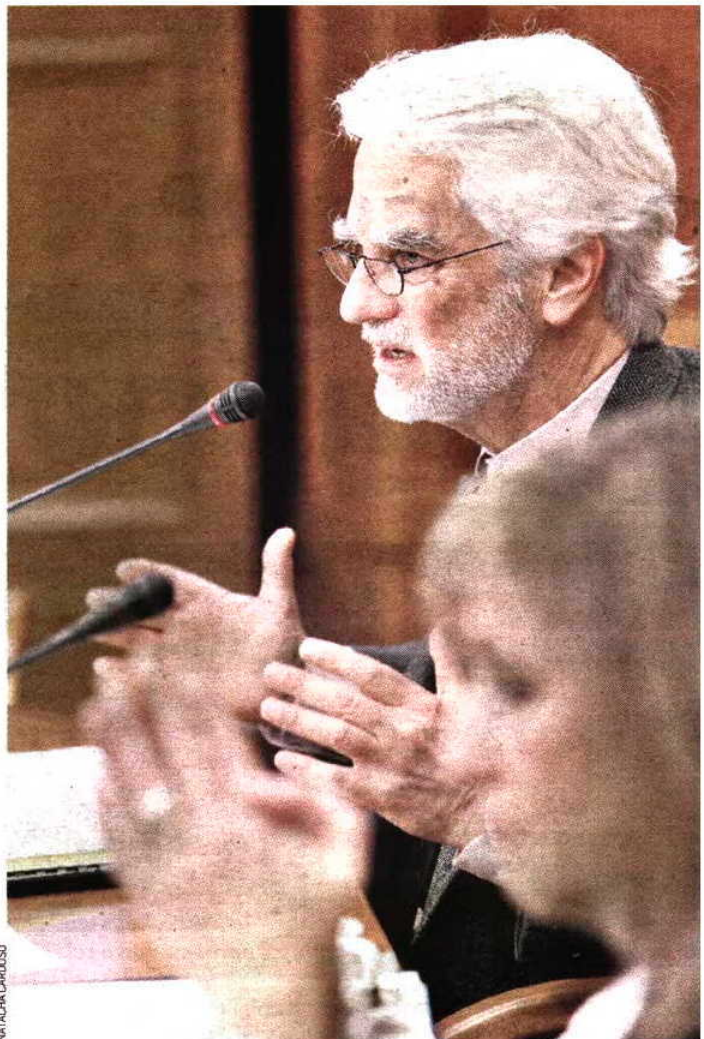
O ex-vice-governador do BP voltou, ainda, a dar a sua visão da reunião que teve com Dias Loureiro, e que é contraditória com as que o actual conselheiro de Estado relatou na AR. Segundo Marta, na reunião que teve com Dias Loureiro o que lhe foi transmitido “foram preocupações”

em relação à insistência do órgão regulador em relação ao BPN. “O que eu ouvi nessa audiência com Dias Loureiro foi a razão pela qual o BP andava sistematicamente a fazer perguntas ao BPN” e “disse ao dr. Dias Loureiro que tinha o direito de pedir informações, cartas e relatórios dirigidos ao BPN”, referiu António Marta. O ex-vice-governador acrescenta: “Nunca ouvi qualquer preocupação em relação à falta de actuação do BP relativamente ao grupo.” Para além disso, frisou que o próprio Oliveira e Costa também se sentia “perseguido” pelo BP. Recorde-se que igualmente na Comissão parlamentar de inquérito à supervisão e à nacionalização do BPN Dias Loureiro – ouvi-

do esta terça-feira – garantiu que tinha falado com António Marta para alertar para o modelo de gestão da Sociedade

Lusa de Negócios (SLN).

Face à discrepância de declarações António Marta garantiu estar disponível para uma acareação entre ele e Dias Loureiro sobre esta matéria. Sobre a eficiência da supervisão em Portugal, Marta defendeu que o regulador antes de tomar certas atitudes tem de ter a certeza de que um banco está com problemas. “O BP não se pode dar ao luxo de atirar uma bomba atómica sem ter um respaldo por trás” considerou Marta, lembrando que assistiu a situações difíceis, designadamente durante a crise sueca dos anos 90. ■



António Marta admite regressar ao Parlamento

LADOS OPOSTOS

António Marta e Dias Loureiro tem visões contraditórias de uma reunião

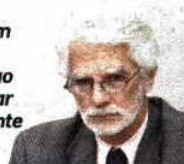
António Marta

Ex-vice-governador do BP

“O que eu ouvi nessa audiência com Dias Loureiro foi a razão pela qual o BP andava a fazer perguntas ao BPN

Nada me levou a pensar que estava preocupado com algum acontecimento quer do grupo, quer da SLN

O que ouvi foram preocupações relativamente ao facto do BP estar sistematicamente dentro do BPN



Dias Loureiro

Ex-administrador SLN

“Eu estou na SLN, um grupo sujeito à supervisão do Banco de Portugal, e queria dizer-lhe que o modelo de gestão é este.

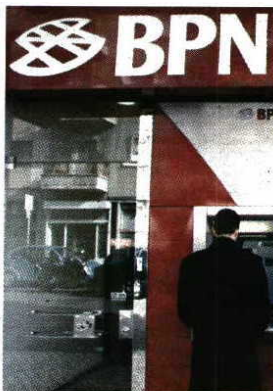
Sinto-me um pouco intranquilo e penso que o Banco de Portugal deveria estar atento”

Tinha entrado a Janeiro de 2001, esta conversa é três meses depois e já eu me ia queixar?



INQUÉRITO PARLAMENTAR

BPN estava sob "escrutínio muito aceso", diz Marta



Caso BPN de novo em destaque na AR

◆ O ex-vice-governador do Banco de Portugal (BdP) com o pelouro da supervisão, António Marta, revelou ontem à comissão parlamentar de inquérito ao caso BPN que expôs, numa reunião convocada em 2006, a todos os membros dos conselhos de administração do BPN e da Sociedade Lusa de Negócios (SLN), ao Revisor Oficial de Contas (ROC) e aos auditores externos "todas as debilidades e faltas de resposta a pedidos de informação" do BdP.

"O BPN era um banco sob escrutínio muito aceso porque foi comprado pelo dr. Oliveira e Costa e outros accionistas em 98/99 através de um aumento de capital de 5,9 para 9,2 milhões de contos", esclareceu António Marta.

E logo uma inspecção efectuada em 1998 detectou "insuficiências de organização" no BPN. "O controlo interno não funcionava, os dossiês de crédito não estavam correctamente preenchidos. Havia crédito concedido em curto-circuito às regras de controlo interno e falhas na informática", declarou em resposta às perguntas de João Semedo, do BE.

O antigo responsável pela supervisão bancária deu novamente uma versão diferente da de Dias Loureiro sobre a já famosa reunião entre os dois. "Não ouvi qualquer preocupação da falta de actuação do Banco de Portugal face ao grupo SLN", disse Marta, esclarecendo: "Aquilo que ouvi era o que já tinha ouvido de outras pessoas, que Oliveira e Costa se sentia perseguido pelo BdP por já ter pertencido ao supervisor ou por ter um grupo de sucesso".

O dirigente disse também que sabia da existência do Banco Insular, de Cabo Verde, e que avisou o BPN de que a sua compra não seria aceite pelo BdP. "Interessava-lhe [a Oliveira e Costa] ter uma sociedade corretora no grupo, e a FINCOR tinha uma. Disse-lhe que a FINCOR também tinha um banco [o Banco Insular] e que o Banco de Portugal não lhe iria autorizar a ter mais um banco, porque a SLN não tinha uma estrutura que o permitisse". **LTM.**

OPINIÃO —



EDITORIAL

Mais uma trapalhada sobre o sistema bancário

O país tem assistido, incrédulo, ao “desmoronar” do sistema financeiro português. A manchete de hoje do DN é só mais um capítulo deste colapso. O Banco Privado Português (BPP) foi alvo de buscas por suspeitas de crimes de branqueamento de capitais, abuso de confiança e falsificação de documentos. Perante este cenário o futuro do BPP está mais ameaçado. Ontem, na Assembleia da República, o ex-vice-governador do Banco de Portugal (BdP) António Marta foi desmentir o depoimento prestado na véspera por Dias Loureiro, antigo administrador da Sociedade Lusa de Negócios (SLN). Dias Loureiro garantiu na terça-feira que havia informado o BdP, em 2001, das suas suspeitas relativamente à gestão do Banco Português de Negócios (BPN).

Por sua vez, António Marta confirmou a conversa com Dias Loureiro, mas garantiu que o objectivo foi outro: o

ex-administrador da SLN terá querido saber porque é que a entidade de supervisão bancária andava tão “em cima” do BPN.

Um deles está a mentir, até porque não há duas verdades distintas que possam coexistir. Como se não bastasse o receio sobre o impacto real da crise mundial no sistema financeiro, assistimos agora às trapalhadas de banqueiros e reguladores. Isto na sequência do escândalo do BPN e depois das polémicas em torno do BCP. À luz de todos estes acontecimentos a pergunta impõe-se: que é feito dos banqueiros à antiga, figuras respeitáveis que no nosso imaginário são discretos, gente de confiança e a quem confiávamos o nosso dinheiro?

Quando um trabalhador cai no desemprego, sofre um golpe fortíssimo no seu nível de vida e no da sua família. Mas também se ressentem na sua auto-estima pelo facto de, em Portugal, não ser fácil reencontrar com rapidez novo posto de trabalho à altura dos saberes e das retribuições que antes tinha. Tudo isto se exponencia, quando são pai e mãe a perder de revoada os seus postos de trabalho, levando a situações extremas de desespero. É preciso uma grande força de carácter para enfrentar uma tal provação, não desistindo de procurar um novo começo, uma nova actividade produtiva. Num contexto de multiplicação das alarmantes notícias do alastramento dessa chaga social como mancha de óleo à

escala mundial, o cidadão isolado precisa seguramente das redes de solidariedade próximas dos familiares, vizinhos ou autárquias. Mas precisa, sobretudo, de manter intacta a sua noção de cidadania, o reconhecimento de pertença a uma colectividade nacional, que o ajudará a vencer um período difícil, cotizando-se para que a sua quebra de rendimento seja minimizada.

E precisa de confiar nos dirigentes do país, tendo-os na conta de pessoas de bem que procuram vencer a crise, mobilizando os meios humanos, anímicos e financeiros necessários para, colectivamente, reencontrarmos os caminhos do crescimento e do emprego. ■

Perdemos cada vez mais confiança nos banqueiros

A quem cabe dar-nos confiança na tempestade?

**Caso BPN****Loureiro entende que não embaraça PR**

O antigo administrador da Sociedade Lusa de Negócios (SLN) Manuel Dias Loureiro, disse que se demitiria do Conselho de Estado se sentisse que causava embaraço ao Presidente da República.

Dias Loureiro foi ouvido pelos deputados da Comissão Parlamentar que investiga o caso que levou à nacionalização do Banco Português de Negócios (BPN).